

## **CIBERESPAÇO E MULTILETRAMENTOS: MEME COMO PROPOSTA SOCIAL DE FORMAÇÃO LEITORA**

**Quésia Alves de Souza Sanches Domingues<sup>1</sup>**

**Resumo:** O crescente avanço tecnológico estabeleceu o ciberespaço como um ambiente fértil para o livre trânsito de informações e experiências marcadas por intersecções culturais (BONNILA, 2010; LÉVY 2000). Nas redes sociais, a produção/recepção e compartilhamento de práticas comunicativas materializadas pelos gêneros de natureza multimodal ressignificam as finalidades da leitura e os modos de ser leitor (SANTAELLA, 2013a; 2013b). Esta pesquisa objetivou investigar o potencial os memes (CHAGAS et al., 2017; CHAGAS, 2018, 2021; POPOLIN 2019, 2020; SHIFMAN, 2013 nas aulas de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, como vetores de uma formação leitora problematizadora e que visa à desconstrução de estereótipos opressivos para a conscientização e a transformação social. O quadro teórico de referência baseou-se nos ideais da pedagogia dos multiletramentos (ROJO e ALMEIDA, 2012; ROJO, 2013a; 2013b), no desenvolvimento do pensamento reflexivo (DEWEY, 1976; FREIRE, 1989a; 1980b; PESCE e BRUNO, 2016) e na conceituação e função social do gênero supracitado. No tocante à metodologia, optou-se pela pesquisa bibliográfica (GIL, 2002; PESCE E BARSOTTINI, 2012), cujo propósito foi a localização e consulta de diferentes fontes de informação escrita, oferecendo assim, o contato direto com as produções de domínio científico que refletissem o tema e propósitos da pesquisa.

**Palavras-chave:** Ciberespaço; Multiletramentos; Formação leitora crítica; Meme.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Educação no PPGE da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas (UNIESP). Professora de Ensino Fundamental II e Médio – Língua Portuguesa na Prefeitura do Município de São Paulo (SME-SP). Orcid: < <https://orcid.org/0000-0002-8738-8487> >. Mogi das Cruzes, São Paulo, Brasil. qdomingues@gmail.com

<sup>2</sup>Este artigo é resultado uma pesquisa maior em andamento: “ Ciberespaço e Multiletramentos: pesquisa exploratória sobre o meme como proposta social de formação leitora para desconstrução de estereótipos”, que objetiva coletar e analisar o conteúdo de memes para validar ou não as hipóteses apresentadas na investigação.

## Introdução

A educação para a garantia e ampliação da cidadania por meio da conscientização, potente para provocar transformações sociais e políticas necessárias para resistir à alienação e às artimanhas de dominação, está imbricada com a prática da leitura da palavra e do mundo (FREIRE, 1994). Essa relação dinâmica entre linguagem e realidade valida sua essência social, e exige a criticidade como critério para alcançar a percepção dos nexos entre o texto e o contexto, para enfim, efetivar-se a construção dos seus significados (FREIRE, 1989a, p. 9).

O contexto de aceleradas transformações sociais e culturais proporcionadas pela consolidação do ciberespaço gerou novas práticas sociais de linguagem/leitura, principalmente por meio das redes sociais, tornando indiscutível a importância de oferecer lugar na escola também às potencialidades da experiência leitora diante das novas configurações textuais que transitam nesses ambientes de comunicação.

Nesse sentido, em busca de dimensionar o impacto que a escolarização formal tem produzido sobre as práticas do ler na atualidade, recorreu-se aos dados oficiais da última edição do PISA<sup>1</sup> 2018, que contou com uma revisão da matriz de letramento em Leitura, ampliada para “abranger as habilidades que são essenciais para leitura e interação com textos digitais” (2018, p.42), em consequência das necessidades do desenvolvimento de habilidades para as novas maneiras de ler no ambiente digital.

Os resultados da avaliação apontaram que 50% dos estudantes brasileiros não possuem o nível básico de proficiência leitora esperado para o final do Ensino Médio, determinando o Brasil como o segundo pior número no ranking da América do Sul. Tal realidade corrobora a percepção de que a formação ofertada ao leitor que se movimenta no ciberespaço, não tem

---

<sup>1</sup> Programme for International Student Assessment (Pisa) – Programa Internacional de Avaliação de Alunos – mede o nível educacional de jovens de 15 anos por meio de provas de Leitura, Matemática e Ciências.

<sup>2</sup> BNCC – A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

atendido às necessidades envolvidas nesse processo, tão caro à constituição do indivíduo/cidadão crítico e protagonista.

A BNCC<sup>2</sup> (2017, p.137) evidencia como demanda da escola não só prover a abordagem crítica das novas práticas de linguagem para fazer uso produtivo e ético das TDIC, mas também para responder às exigências sociais que abrangem essas práxis, como “saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias considerando posições e argumentos contrários [...]” (BRASIL, 2017, p. 69).

Neste prisma, salienta-se a urgência em fomentar experiências formativas de produção/ressignificação de sentidos que tornem possível a liberdade do conhecimento para os cidadãos/sociedade na cultura digital, o que envolve

refletir sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, do uso do hipertexto e da hipermídia e do surgimento da Web 2.0: novos gêneros do discurso e novas práticas de linguagem próprias da cultura digital, transmutação ou reelaboração dos gêneros em função das transformações pelas quais passam o texto (de formatação e em função da convergência de mídias e do funcionamento hipertextual), novas formas de interação e de compartilhamento de textos/ conteúdos/informações, reconfiguração do papel de leitor, que passa a ser também produtor, dentre outros, como forma de ampliar as possibilidades de participação na cultura digital e contemplar os novos e os multiletramentos. (BRASIL, 2017, p. 72)

No atual momento histórico, os discursos conservadores têm ganhado cada vez mais espaço na arena das relações sociais online, em virtude da polarização política enfrentada pelo Brasil, haja vista a representatividade das manifestações extremistas e autoritárias sustentadas pelos apoiadores do governo, que ecoam nas redes sociais. O enquadramento das minorias pela retórica de viés moralista, reforça um padrão de opressão que fere o acesso à igualdade de direitos e liberdades.

As aulas de Língua Portuguesa configuram-se como oportunidades para promoção dos gêneros que circulam no ciberespaço e no cotidiano estudantil, a exemplo do meme, amplamente empregado nas práticas comunicativas do alunado. Para além de trabalhar aspectos estruturais, esses momentos de aprendizagem podem diligenciar processos formativos de leitura crítica, que atuem para desconstruir os discursos atravessados por preconceitos, afim de problematizá-los por meio do questionamento e não imposição



Sob esse enfoque, o interesse dessa pesquisa incidiu sobre a contribuição do meme na condição de ferramenta potencial para amparar estratégias didáticas de formação leitora voltadas à inteligibilidade, com vistas à reflexão sobre os significados dos discursos que validam comportamentos e valores sociais conservadores e intolerantes, pretendendo inquiri-los, de modo a afiançar a participação produtiva nas dinâmicas comunicativas em rede e edificar a conscientização para transformação social.

Essa pesquisa bibliográfica (GIL, 2002; PESCE E BARSOTTINI, 2012) baseou-se em um quadro teórico de referência, estruturado pelos seguintes campos conceituais: ciberespaço (BONNILA, 2010; LÉVY 2000), multiletramentos (ROJO e ALMEIDA, 2012; ROJO, 2013), formação leitora crítica (DEWEY; 1956, 1979; FREIRE, 1989a, 1989b; PESCE e ABREU, 2012) e meme (CHAGAS et al., 2017; CHAGAS, 2018, 2021; POPOLIN 2019, 2020; SHIFMAN, 2013).

### **Ciberespaço e cidadania**

Com a efervescência das redes sociais, têm sido intensificadas as práticas sociais de linguagem na esfera digital, seja para lazer, comunicação, busca/compartilhamento de informação ou para que o cidadão de direito possa tomar parte nas suas necessidades cotidianas. Esse cenário de constante interação social e cultural, prevê um leitor ativo, produtor, crítico, que precisa ser impactado por uma educação linguística contemporânea dirigida ao impacto das redes sociais no estilo de vida da sociedade.

O ciberespaço é “um espaço de comunicação e socialização digital, no qual os mais diversos tipos de texto circulam de modo que vozes de diferentes culturas, etnias, gêneros, idades e escolaridades possam se encontrar” (MASSUNAGA, 2013 apud ADATI; FERREIRA; CRISTÓVÃO, 2017, p.104). Essas novas possibilidades de interação provocaram alterações nos modos de ser, participar e compreender o mundo, que repercutiram nas relações sociais, políticas e culturais, impactando também as formas de aprender.

Para Lévy (2000, p. 158) os pré-requisitos para a aprendizagem envolvem a construção de “novos modelos do espaço dos conhecimentos [...] emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva”, referindo-se ao ciberespaço. Bonilla e Oliveira (2011)

asseveram ainda que o trânsito nesse lugar de informação e comunicação é um direito humano da sociedade contemporânea, dada a relevância dos processos que ali ocorrem para o exercício da cidadania.

Os estudos de Bonilla (2010, p. 44) defendem ser a escola o território onde os processos de formação da cultura digital devem apresentar-se para os alunos, pois nela estabelece-se “a inserção dos jovens na cultura de seu tempo – e o tempo contemporâneo está marcado pelos processos digitais”. Como encarregada de apresentar o saber sócio-histórico e culturalmente acumulado, bem como pela discussão crítica das práticas valorizadas, sustentadas e socialmente aceitas, torna-se tal instituição também incumbida de propiciar acesso crítico e produtivo ao ciberespaço.

Nessa perspectiva, Lapa, Coelho & Schwertl (2015) apresentam as práticas comunicativas agenciadas pelas redes sociais digitais como favoráveis ao processo de formação do cidadão empoderado, autônomo e protagonista. No entanto, assinalam que a escola insiste em atuar alheia à práxis social do cotidiano discente, considerando a Web como um ambiente antagonista e ignorando o papel educador que os espaços midiáticos performam na cultura digital.

Ainda consoante Lévy (2000, p. 167), o ciberespaço é o ambiente virtual onde movimenta-se o saber, descoberto e forjado pela coletividade inteligente, que estabelece sua identidade e edifica seus propósitos a partir da “utilização otimizada” das TDIC’s<sup>2</sup>. Tal nível de relevância é potencial para instauração de uma educação ativista, marcada pela produção e socialização do saber, que pretende desenvolver a liberdade de experimentação

para as diversas possibilidades propiciadas pelas redes [...], compartilhando coletivamente as descobertas e aprendizados, de forma a romper a barreira da individualidade e do isolamento, e, com isso, instituir uma organização colaborativa que favoreça a multiplicação de ideias, dos conhecimentos e das culturas (BONILLA E PRETTO, 2015, p.158).

A expressividade das redes sociais como ferramentas democráticas de diálogo instantâneo conduz à urgência de práticas pedagógicas voltadas ao objetivo social da formação leitora crítica nesses territórios virtuais, conforme adverte Cassany (2006 apud SANTOS, 2019, p. 23), ao reiterar que o exercício da democracia integra também o direito do cidadão ao desenvolvimento das habilidades leitoras que tornam possível compreender e refletir sobre os

significados produzidos também nas práticas comunitárias, sublinhadas pela intencionalidade e ideologia.

Haja vista não ser a educação uma área da ação humana que pode permanecer estática, apenas em contemplação das mudanças sociais (SANTAELLA, 2013b), compreende-se, que as modificações em relação ao paradigma das novas maneiras e espaços de elaborar os conhecimentos geram a necessidade de um olhar atencioso para as atividades comunicativas no contexto da esfera digital: as novas práticas sociais de leitura viabilizadas pelo ciberespaço, compreendem também (novos) multiletramentos, marcados pela multimodalidade e interesses discursivos que nesse lugar movimentam-se.

### **Multiletramentos e a prática da leitura como um objetivo social**

Segundo Kleiman (2014), novos e múltiplos letramentos são indispensáveis para que o cidadão/estudante inserido na sociedade da comunicação e informação sobreviva, acompanhe as constantes mudanças e desfrute das vantagens que as práticas letradas, consideradas por ele significativas, podem assegurar para sua vida social. Nesse sentido, a leitura, interpretação e posicionamento frente aos sentidos dos textos que agregam diferentes sistemas semióticos, assumem ampla expressividade no mundo moderno, no qual “o letramento torna-se um vetor para a constituição de um sujeito livre, capaz de contribuir para as mudanças sociais” (KLEIMAN, 2014, p.88).

A ausência de diálogo entre as demandas da vida real e as práticas educativas ofertadas pelo processo de escolarização, porém, perpetua o letramento escolar baseado na padronização, inflexibilidade e negação das subjetividades e necessidades do educando, promovido pelo ensino do conhecimento considerado ideal. Uma educação linguística ajustada às necessidades atuais, no entanto, reivindica práticas pedagógicas voltadas a um alunado multicultural, situado historicamente no contexto de globalização.

Street (2014), ao conceituar os modelos autônomo<sup>3</sup> e ideológico<sup>4</sup> de letramento, elucida como essa disparidade gera uma grande problemática para a educação linguística, pois as práticas letradas ofertadas pela escola tornam-se medidas de padronização para os letramentos individuais ou comunitários, que ficam marginalizados. São privilegiados os conhecimentos essencialmente técnicos e estruturais dos textos, descolando-os da natureza prática, social e da problematização dos discursos e relações de poder que os atravessam. É preciso desenvolver competências para a interação produtiva com a pluralidade de linguagens e discursos contemporâneos, e com a utilização de novas ferramentas ofertadas pela tecnologia digital, a fim de redefinir novas formas de aprender a partir das interações extra escolares, para assim, ressignificar as “cristalizações letradas” (ROJO, 2013, p. 16).

Tais desafios não são relativamente recentes, pois já em 1996 moveram os teóricos do Grupo de Nova Londres – pesquisadores da área de letramentos – a produzirem um manifesto, propondo a pedagogia dos multiletramentos (A Pedagogy of Multiliteracies), a fim de instituir como competência da escola, os novos letramentos em desenvolvimento no ciberespaço. Essa concepção baseia-se no prefixo “multi” para designar a multiplicidade de linguagens envolvida na elaboração de sentido dos discursos e a diversidade cultural que carregam consigo os leitores/receptores desses enunciados (ROJO, 2013).

No Brasil, embora passadas mais de duas décadas, a falta de políticas públicas de inclusão digital/social, de formação de professores e a própria evolução constante das ferramentas tecnológicas, recursos e possibilidades de interação discursiva por meio de gêneros que sofrem processo de hibridização ou transmutação, motivam a evocação permanente de vivências pedagógicas voltadas para essa realidade.

Entende-se que é possível tecer aproximações entre a pedagogia dos multiletramentos, e a constituição do pensamento reflexivo em Dewey (1959), uma vez tais propostas dialogam

---

<sup>3</sup> diz respeito ao desenvolvimento do letramento a partir de atividades de leitura e de escrita sem relação direta com os aspectos sociais e culturais que as caracterizam, ignorando a necessidade de problematização sobre a ideologia e as relações de poder que representam.

<sup>4</sup> as práticas de letramento são consideradas e valorizadas em sua pluralidade, tanto em relação à variedade que assumem, quanto pela caracterização cultural e identitária que representam. A perspectiva de que não são neutras, realça a necessidade de reflexão sobre as estruturas de poder que as caracterizam.

pela valorização das vivências discentes, a gerência do próprio aprendizado, o olhar voltado à análise crítica sobre as práticas sociais dos sujeitos, assim como à discussão sobre questões, sociais, políticas, ideológicas e culturais que envolvem esse processo (ROJO apud FERREIRA; PESCE, 2019, p.134).

Tal conhecimento, ao ser replicado em outros contextos de suas vidas, favorece a autonomia dos grupos sociais, concebida pelo conceito de empoderamento freiriano, que “não põe luzes à dimensão individual, mas sim à social, por concebê-lo no seio da transformação cultural dos grupos sociais” (PESCE; BRUNO, 2016, p. 355). Esse processo, para Dewey (1976), constitui-se uma condição essencial para a ampliação das capacidades de avaliar e conduzir de forma inteligente situações novas, tornando possível agir de maneira competente e autônoma na sociedade. Em função de não se manifestar instintivamente, este necessita constituir um objetivo educacional, com o propósito de tornar o sujeito livre.

A perspectiva de educação que envolve os multiletramentos, portanto, consiste na visão do aprender, não de conceitos estanques, cuja utilidade não é vislumbrada em seu contexto, mas para a transformação social do agora. Neste sentido:

O ideal de usar o presente simplesmente para se preparar para o futuro contradiz-se a si mesmo. Esquece, suprime mesmo, as próprias condições pelas quais uma pessoa se prepara para o futuro. Vivemos sempre no tempo em que estamos e não em um outro tempo, e só quando extraímos em cada ocasião, de cada presente experiência, todo o seu sentido, é que nos preparamos para fazer o mesmo no futuro. Esta é a única preparação que, ao longo da vida, realmente conta. (DEWEY, 1979, p. 43).

Esses processos que buscam o comportamento leitor como ativo, protagonista e autônomo nas construções dos sentidos do texto, na contemporaneidade, também se consolidam em meio à mobilidade dos sujeitos nas redes sociais, tornando imperativa a modificação das práticas de ensino e aprendizagem em que a escola está imersa. A interação com os textos disponíveis nas redes, realizada a partir dos aparelhos móveis, é marcada pela “economia de atenção” (SANTAELLA, 2013, p. 279), que não preconiza detalhes relevantes dos discursos, ao contrário, a pluralidade de estímulos acaba por prejudicar a reflexão. A agilidade que a leitura das mensagens nesse contexto solicita, exige o desenvolvimento do pensamento reflexivo, para solidificar competências como “a capacidade de enxergar os problemas de múltiplos pontos de vista” afim de conscientizar os sujeitos sobre necessidade de questionamento da realidade para

buscar modos alterá-la, com a finalidade de favorecer a coletividade e resistir à manipulação, fazendo valer a cidadania de fato.

## **O meme como proposta social de leitura**

De acordo com Rojo e Moura (2012, p.08)

“trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação (novos letramentos), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos.

Sob essa ótica, está posto um desafio para a escola de entrar em sintonia com as práticas linguísticas que impactam a cultura estudantil fora dos muros da escola, voltadas ao universo dos jovens, “cuja empatia com as linguagens audiovisuais e digitais é feita de uma forte cumplicidade expressiva, já que é em suas sonoridades, fragmentações e velocidades onde eles encontram seu ritmo e seu idioma” (PEREIRA apud MARTIN-BARBERO, 2014, p. 134).

Construído a partir de multimodalidades e multissemiotização, o meme é um fenômeno das expressões coletivas e criativas da opinião pública (CHAGAS, 2017 at al.), que compõe o rol dos letramentos contemporâneos discentes (ALVES; OLIVEIRA; MARTINS, 2020). Sua utilização no ambiente formal de ensino como um instrumento educacional, sob essa ótica, apresenta possibilidades de fomentar empoderamento dos sujeitos sociais “para procederem a uma leitura crítica das suas circunstâncias e, na medida do possível, transformarem suas realidades em outras situações” (FERREIRA e PESCE, 2019, p. 137).

O termo meme foi cunhado pelo biólogo Richard Dawkins (1976) para fundamentar sua investigação que associava a teoria evolucionária à transformação social. Essa proposta sustenta-se na relação análoga entre o gene e o meme, já que o primeiro manifesta-se pela replicação da herança biológica, portadora de informações ao longo das gerações, e o segundo pela multiplicação da unidade de transmissão cultural que reflete as percepções da sociedade, a partir de uma cópia ou imitação. (CHAGAS, 2021; SHIFMAN, 2013).

“Embora se espalhem em uma base micro, o impacto dos memes é macro: eles moldam as mentalidades, formas de comportamento e ações de grupos sociais” (KNOBEL &

LANKSHEAR, 2007 apud SHIFMAN, 2013). São capazes de condensar e reportar as temáticas e discursos em efervescência social, sugestionando formas de ser, visões de mundo e perpetuação de discursos que compreendem desde a imitação ingênua à depreciativa à medida em que são replicados.

Esses gêneros, ao sofrerem intervenções como um ato apreciativo, potencializam “relações, diálogos, redes, dispersões, que buscam uma cultura de livre informação e que instauram a cultura do remix e da hibridização de textos e vozes” (LANKSHEAR E KNOBEL, 2007 apud ROJO 2017, p. 200). Participar proficuamente das dinâmicas de comunicação dialógica nas redes – zona de debate social – implica a atuação do leitor como parte ativa da interlocução, negociando e construindo sentidos e relações entre as linguagens das novas configurações textuais e as representações sociais que assumem.

Tal fenômeno da cultura popular e próprio do ambiente digital, atinge as massas em curto período de tempo e alcança visibilidade por atender ao perfil comunicativo era da Web 2.0, não hierárquico, descentralizado e focado no usuário, agente social detentor do domínio sobre os processos de competição e seleção. Por engendrarem uma experiência social compartilhada, têm mais representatividade aqueles que melhor retratam o aspecto sociocultural, pois os interesses, percepções e condutas sociais associadas a essa ação comunicativa são decisivas para sua popularização. (SHIFMAN, 2013).

Segundo Popolin (2019, p. 13) neste momento, “o Brasil é conhecido por ser uma potência global na produção de memes”. Entender de forma mais ampla como se dá a produção de sentidos e efeitos desse novo gênero midiático, característico das práticas de letramento que emergiram com a evolução do cenário tecnológico, são elaborados pelo usuário, cidadão comum e conectado, é fundamental, pois

“estudar e pesquisar quais memes são criados e como circulam, em um futuro próximo nos ajudará a entender melhor sobre que bases está erguida a sociedade contemporânea, que produtos culturais consome, que opiniões são repercutidas ou silenciadas. (CHAGAS, 2018, p.182)

Apesar de serem utilizados como ferramentas de entretenimento, contestação contra manipulação de fatos e informações, ou mesmo para trazerem voz às manifestações que buscam ferir estereótipos, são comuns também aqueles que os naturalizam, objetivando delinear e



fortalecer identidades e senso de pertencimento potenciais para sobreporem-se às minorias, conforme comprovam os estudos de Chagas (2021), focado em memes replicados ao longo das eleições para presidência em 2014 e à análise de conteúdo sentidos dos memes difundidos pelos bolsonaristas de extrema-direita. As investigações de Popolin (2019; 2020) também muito contribuíram para a compreensão do uso do gênero para a comunicar a defesa de intervenção militar no Brasil e a utilização do meme no reforço de estereótipos sobre a população LGBTI+.

A leitura não é um ato solitário, mas de diálogo entre autor e leitor, cada qual em seu espaço estruturado socialmente, estabelecido por suas relações com o mundo e com os outros (SOARES, 2001). Compreender o contexto de produção do enunciado, estabelecer o seu público-alvo e explorar as estratégias cognitivas, interacionais e textuais necessárias à recuperação de sentidos é essencial, mas tomar enunciados situados sócio-historicamente e carregados de marcas culturais (BAKHTIN, 2003) para problematizar essas significações pela perspectiva da reflexão e conscientização, é propósito que não deve ser marginalizado.

### **Percurso metodológico**

Esta pesquisa assentou-se sobre a tipologia bibliográfica, uma vez que (GIL, 2002; PESCE E BARSOTTINI, 2012) foi desenvolvida a partir de produção científica já elaborada, com o objetivo de localizar, consultar e compilar diferentes fontes de informação escrita e oferecer à pesquisadora o contato direto com fontes de domínio científico, que refletissem o tema da investigação e os propósitos da pesquisa.

Com o objetivo de oferecer rigor à investigação no que diz respeito a confiabilidade do reconhecimento das fontes (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009), a revisão de literatura respaldou-se pela base de dados composta da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD), o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), artigos publicados nos anais das reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), além de livros, artigos, periódicos científicos nacionais e internacionais. Os descritores empregados para realização das buscas serão: ciberespaço; multiletramentos; formação leitora crítica; meme.

O recorte temporal da revisão de literatura estabeleceu-se a partir de 2011, em função de dois marcos históricos significativos que delinearão o reconhecimento do meme como um fenômeno social na era da cibercultura. O primeiro justifica-se em função de, em 13 de maio do referido ano, ter sido estabelecido o memeday<sup>5</sup>, data comemorativa que instituiu o sucesso incontestável do gênero na cultura digital. O segundo explica-se, pois ainda em 2011, ergueu-se uma experiência pioneira voltada à experimentação em linguagem midiática, vinculada ao curso de graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense, liderada pelo professor Viktor Chagas. O #memeclub<sup>6</sup>, nasceu como um espaço de diálogo sobre o caráter fenomenológico dos memes, que originou o projeto #MUSEUdeMEMES, uma atividade que envolve pesquisa, ensino e divulgação científica, cujo escopo é a efetivação de um ambiente para discussão sobre a cultura e o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas voltadas ao tema, congregando uma vasta base de referências para levantamento bibliográfico sobre o assunto.

### Considerações finais

Diante do imperativo tecnológico, mediador das relações sociais que fluem nos territórios virtuais, evidencia-se a necessidade de práticas de formação leitora que se fundamentem em um objetivo e compromisso social por parte da escola, por meio de propostas pedagógicas que estejam embasadas nos conhecimentos necessários aos sujeitos para que sejam protagonistas nas interações que se dão no ciberespaço, fazendo cumprir o direito que lhes deve ser outorgado para o exercício pleno da cidadania.

Demostrou-se que o meme, gênero em efervescência como prática de leitura cotidiana no espaço extraescolar, é capaz de contribuir para o desenvolvimento do pensar reflexivo, uma vez que dissemina posicionamentos sócio-políticos que, encobertos pela prerrogativa da liberdade de expressão, podem replicar manifestações antidemocráticas, portanto passíveis de intervenções pedagógicas de experiência reflexiva.

Destacou-se ainda, que os significados do ler partem da necessidade de edificar a criticidade para não fazer perdurar a ingenuidade diante das implicações preconceituosas dos

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/um-pouco-de-reflexao/>>. Acesso em 26 junho de 2021.

<sup>6</sup>Disponível em: < <https://www.museudememes.com.br/o-museu-de-memes/>>. Acesso em 26 junho de 2021.

significados textuais socialmente apreendidos, para a compreensão de que atrás de cada evento comunicativo há um sujeito, uma prática histórica, um universo de valores, uma intenção.

Salientou-se a necessidade de discutir a maneira com que os sentidos são inquiridos e a quem interessam os discursos que ali circulam, práticas essenciais para a conscientização das relações de poder estabelecidas socialmente e conseqüentemente para o exercício da liberdade defendida pela democracia.

Cumprе salientar que esta pesquisa não tencionou esgotar os propósitos de investigação, ao contrário, entende-se a necessidade de mais aprofundamento sobre a análise da configuração textual-discursiva do meme, estruturada pelas multimodalidades e multissemioses, para entender de que forma são construídas suas significações textuais não circunscritas à interpretação elementar dos seus conteúdos.

## Referências

ADATI, Felipe S.; FERREIRA, Felipe T.; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia L. O uso de gêneros da esfera digital em contextos de vulnerabilidade social: duas propostas de sequência didática. In:

KADRI, Michelle S.; ORTENZI, Denise I. G.; RAMOS, Samantha G. M. (orgs.). **Tecnologias digitais no ensino de línguas e na formação de professores: reorganizando sistemas educacionais**. Campinas: Pontes, 2017.

ALVES, Caroline; OLIVEIRA, Hélvio Frank de; MARTINS, Stephany Pikhardt. Leitura e análise crítica de memes em aulas de língua portuguesa sob mediação decolonial. In: **Lingu@Nostr@** - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística. Vitória da Conquista, p. 160-180, jan-julho.

2020. Disponível em: < <https://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/163>>

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BONILLA, Maria Helena. **Políticas públicas para inclusão digital nas escolas**. Motrivivência, ano XXII, n. 34, p. 40-60, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17135>>

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, PCS. Inclusão digital: ambiguidades em curso. BONILLA, Maria Helena; PRETTO, Nelson (orgs.). In: **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador: EDUFBA, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2017**. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conhecaDisciplina?disciplina=AC\\_LIN&tipoE\\_nino=TE\\_EF](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conhecaDisciplina?disciplina=AC_LIN&tipoE_nino=TE_EF)>. Acesso em 09/06/2021.

BRASIL (2018). PISA 2018. **Relatório Nacional**. Brasília, DF: INEP/MEC. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf). Acesso em 09/06/2021.

CHAGAS, V. et al. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. **Intexto**, n. 38, p. 173–196, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/63892>> Acesso em 22 jun 2021.

Chagas, Viktor (2018): Breve tipologia dos memes fotográficos. In: **Revista ZUM**, n. 14, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.6084/m9.figshare.6325856.v1>> Acesso em 22 jun 2021.

Chagas, Viktor (2021): **Meu malvado favorito**: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Revista Estudos Históricos**, 34(72), 2021b Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s2178-149420210109>>. Acesso em 20 jun 2021.

DEWEY, J. **Experiência e Educação**. Textos fundantes de Educação. SP: Companhia Editora Nacional, 1976.

\_\_\_\_\_. **Como pensamos**. SP: Companhia Nacional. 4ª Ed.1979.

FERREIRA, Mariana Lettieri; PESCE, Lucila. Memes na sala de aula de língua inglesa: vivências formativas em uma educação ciberativista. **Revista Teias. EDIÇÃO ESPECIAL: Educação ativista na cibercultura: experiências plurais**. v. 20, 2019. <[Disponível em: https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/42779](https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/42779)>

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 42.ed. São Paulo: Cortez, 1989a.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989b.

\_\_\_\_\_, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: \_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-57.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento na contemporaneidade** / Literacy in the Contemporary Scene. Bakhtiniana, São Paulo, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2000.

PEREIRA, Pedro Henrique de. Ensino e aprendizagem em espaços não formais: conscientização e participação política na web. In: **Grau Zero: Revista de Crítica Cultural**. Letramentos e (R)existências. Alagoinhas, v. 6, n. 2. 2018. ISSN 2318-7085 online. [file:///C:/Users/admin/Downloads/6104-Texto%20do%20artigo-16380-1-10-20190409%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/admin/Downloads/6104-Texto%20do%20artigo-16380-1-10-20190409%20(2).pdf)

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia B. de M. **Princípios da metodologia de pesquisa científica**. Material didático elaborado para o curso de Especialização em Prevenção ao uso indevido de drogas. UNIFESP –UAB, mimeo, 2012.

PESCE, L. M.; BRUNO, A. R. Educação e inclusão digital: consistências e fragilidades no empoderamento dos grupos sociais. **Educação**, v. 38, n. 3, p. 349-357, 25 fev. 2016.

POPOLIN, Guilherme. Intervenção militar já: os memes da internet e o imaginário da nova direita brasileira sobre a ditadura civil-militar. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação** - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém – PA: 2019.

POPOLIN, Guilherme. O meme de internet: o reforço de estereótipos sobre a população LGBTI+. In: DESIDÉRIO, Bastos; Ricardo; Vinícius Colussi; MAISTRO; Virgínia Yara de Andrade (orgs). In: **Sexualidades e Educação Sexual: práticas, pesquisas e inovações**. Londrina, PR: Edição dos autores, 2020. Disponível em: <https://vcongressoedsexual.wixsite.com/vcongressoedsexual/e-book>

ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola**. São Paulo: Parábola, 2012a.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012b.

\_\_\_\_\_, Roxane (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola, 2013.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, A. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013a. p. 33-50.

SANTAELLA, Lucia. O leitor ubíquo. In: **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013b.

SHIFMAN, L. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 18, p. 362-377, 2013.

STREET, B.; STREET, J. A escolarização do letramento. In: **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola, 2014, p.121-144.

SOARES, Magda Becker. As Condições Sociais da Leitura: uma reflexão em contraponto In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2001.

STREET, B.; STREET, J. A escolarização do letramento. In: **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola, 2014, p.121-144.